

AJUSTE DO REAL

Economic Brasil

Dornbusch recomenda desvalorização da moeda

Para especialista do MIT, medida faria parte de eventual acordo com FMI e taxa indicada seria de 15%

ANTONIO TOZZI

Especial para o Estado

O professor de Economia e Gerenciamento Internacional do Instituto de Tecnologia de Massachussetts (MIT), Rudiger Dornbusch, alertou ontem o governo brasileiro sobre a necessidade de tornar mais flexível o câmbio.

Em sua palestra no 31º Encontro da Federação Latino-Americana de Bancos (Felaban), em Miami, o economista afirmou que,

"embora o Brasil não gostasse de recorrer ao Fundo Monetário Internacional (FMI), é certo que a sugestão dos técnicos da entidade seria o Brasil permitir variação de até 20%", observou. "Mas, provavelmente, os representantes do governo brasileiro contraporiam com 10%; então uma taxa de 15% me parece bastante aceitável."

Essa foi a principal sugestão do analista para que o Brasil possa superar o momento de instabilidade. Na opinião dele, isso deve ser feito com urgência, porque a cada dia que passa a situação se complica mais. "Não se deve esperar até o próximo ano, porque aí a crise já chegou", disse. "Não dá pa-

ra continuar convivendo com um programa que mantém a moeda supervalorizada."

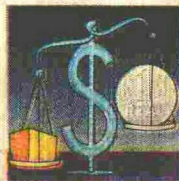
Segundo ele, a situação brasileira é pior do que a da Argentina há dois anos. Naquela ocasião, o país vizinho tinha acabado de reeleger Carlos Menem e as taxas de crescimento estavam em torno de 7%. "O presidente Fernando Henrique está desconfortável porque

tem de tomar medidas duras, de caráter recessivo, em um ano eleitoral e, por isso, me surpreenderei se ele tornar o câmbio flexível", comentou o professor, que sempre evitou usar o termo desvalorização.

O palestrante insistiu que o momento para se tomar a medida é

este, quando o Brasil dispõe de substanciais reservas financeiras e vem empreendendo um bem-sucedido programa de privatizações. "Há coisas positivas no Brasil e, mesmo com um cenário recessivo, superaria a crise e manteria a confiança dos investidores, porque tem uma economia forte e um sistema financeiro sólido."

Para Dornbusch, outro ponto negativo é a elevada taxa de juros brasileira, que está em 14%, "ante 6% em Miami". "Se o país diminuir essa taxa, volta a ganhar competitividade, senão o spread vai fazer o governo perder reservas e os investidores migrarão para cá", previu. Aí, com reservas baixas, em torno de US\$ 20 milhões, fica mais difícil para negociar."



Gildo Mendes/AE — 27/1/95

Dornbusch: não dá para manter programa com moeda supervalorizada